

A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DO ENTREGADOR POR APLICATIVOS DE DELIVERY, EVIDENCIADO PELO AGRAVAMENTO DA PANDEMIA DO COVID-19

JORDANA MADRUGA DE AVILA¹; CASSANDRA DALLE MULLE SANTOS²; CARLA ALDRIGHI GOMES³

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) - jordanaavila3010@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) - cassandra7789@yahoo.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) - carlagastro13@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho tem como base, os estudos e reflexões compartilhados nas disciplinas do curso Tecnólogo em Gastronomia, quais sejam: *Desenvolvimento de Produtos e Food Design*, que tinha como proposta de avaliação, analisar ferramentas de desenvolvimento de produtos, o qual optou-se em perceber parte da cadeia de transporte de comida via aplicativos de delivery; tema que dialoga com a disciplina de *Gestão de Recursos Humanos*, frente à realidade que se apresenta no mundo contemporâneo das relações de trabalho, sobretudo, nos serviços de alimentação. Sendo que nesta disciplina de Gestão de Recursos Humanos, atuei como monitora bolsista.

A experiência e o conhecimento adquirido nestas disciplinas citadas, proporcionaram uma visão sistêmica sobre a realidade do mundo do trabalho. Diante do contexto da pandemia do COVID-19, foi possível perceber o aumento da taxa de desemprego, bem como a precarização do trabalho, principalmente, da população mais vulnerável econômica e socialmente. Assim, pretende-se abordar as incertas condições de trabalho diante desta realidade, e o significativo aumento da informalidade, restando como alternativa de sustento a ocupação profissional de entregador por aplicativos de delivery. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad/IBGE), estimava que cerca de 4 milhões de brasileiros trabalhavam nestas plataformas de aplicativos, antes mesmo da pandemia¹¹.

Existe no Brasil um processo de trabalho informal que vêm crescendo a olhos vistos desde a década de 90, impulsionado por uma reestruturação produtiva onde o setor formal adquire poder de contratação de serviços e produtos do setor informal (MONTENEGRO, 2008). O maior responsável por essa transformação que ocorre nas últimas décadas sem dúvidas é a crescente taxa de desemprego em nosso país, que aumentam os níveis de desigualdade social e acaba por empurrar grande parte da população para a informalidade laboral.

A oferta de serviços e produtos sem a necessidade de quaisquer acordos legais vêm mostrando-se uma crescente tendência no atual modelo socioeconômico, uma

¹ Informação extraída de reportagem do site de notícias Brasil de Fato, em 23 de set. de 2020. < <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/30/a-guerra-continua-prometem-entregadores-dos-breques-contra-apps>>.

prática que vai além de atividades consideradas menos especializadas, e estende-se em diversas ocupações e setores de trabalho (TAVARES, 2002 apud SILVA; CAVIGNAC, 2018). Com cerca de 13,7 milhões de desempregados no país (IBGE, 2020), o trabalhador brasileiro encontra-se no meio de uma linha tênue entre a precarização do trabalho e o desemprego, tendo que optar muitas vezes por atividades insalubres e abrir mão de seus direitos para prover a própria alimentação.

A situação dos entregadores de aplicativo de delivery que se veem obrigados a ceder ao mercado informal para possuir algum tipo de renda, é extremamente instável. Sem nenhum tipo de vínculo formalizado com as plataformas digitais, essa população é vítima da falsa autonomia promovida pelas empresas que, goza deste argumento para atrair e fascinar aqueles que encontram-se desempregados. Mas a realidade dos motoboys e ciclistas é bem diferente do que tais empresas tentam ilustrar principalmente na mídia.

Recentemente, acompanhamos pelos diferentes meios de comunicação, um levante desta categoria, que de forma legítima e organizada, convocaram atos de paralisação das entregas e trancamento de vias em diversas cidades do país, o qual denominaram de “Breques dos Apps”. Este movimento inicial ocorrido no dia 1º de julho de 2020, tinha como principal reivindicação, chamar a atenção para as condições precárias de trabalho dos motoboys que atuam para Apps como iFood, Rappi e Uber Eats. Assim, o objetivo deste trabalho é mostrar a precarização do trabalho do entregador, e destacar como a situação já alarmante se agravou durante a pandemia da COVID-19, a fim de provocar uma reflexão acerca dos serviços que consumimos.

2. METODOLOGIA

Os resultados adquiridos neste trabalho foram fundamentados através de pesquisa em websites e artigos sobre o tema abordado, dando prioridade à materiais recentes que apresentam a situação atual dos entregadores e também os que abordam uma contextualização histórica que demonstram o caminho que percorremos para que chegássemos às atuais relações de trabalho vivenciadas no capitalismo contemporâneo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A situação já precária, se agravou com a atual pandemia do coronavírus. Neste cenário houve um significativo aumento da utilização de plataformas digitais em diversos departamentos, incluindo o de delivery, o que acarretou o aumento de pessoas sendo direcionadas a este tipo de trabalho. De acordo com o iFood, esse aumento fez com que gerasse uma maior concorrência pelas corridas, tornando-as mais escassas individualmente, e consequentemente diminuindo o ganho dos entregadores.

Em uma pesquisa realizada online no mês de abril com 252 trabalhadores do setor, 60,3% dos entrevistados relataram queda na remuneração, comparando o período de pandemia ao momento anterior (MACHADO, 2020). O dilema sanitário que estamos vivendo, evidenciou as condições testemunhadas pelos entregadores, que são considerados serviço essencial. Como se não bastassem os riscos habituais, como acidentes de trânsito, ainda há o perigo eminente de contrair o vírus enquanto

trabalha, sem que ao menos haja a cobertura do tratamento nos casos de contaminação do coronavírus, pelas empresas de aplicativo (CARVALHO, 2020).

Os trabalhadores estão diariamente expostos, sem EPI's, sem local fixo para comer, ir ao banheiro ou lavar as mãos. Alguns relatam que a entrega de máscaras e de álcool em gel ocorreu apenas no início da quarentena, e que depois disso, as empresas não lhe deram nenhum tipo de suporte. Mal remunerados, exercendo suas atividades de forma insalubre, tirando do próprio bolso recursos para alimentação e manutenção de motos e bicicletas, diante dessas e outras precariedades, a categoria resolveu se mobilizar e expor as reais condições de trabalho dos ironicamente chamados "parceiros" das empresas de aplicativos de delivery.

O agora ex-entregador Paulo Lima em entrevista à BBC News Brasil expôs o seguinte,

Quando esses aplicativos chegaram aqui, venderam uma mentira para nós. A mentira era de que somos empreendedores, e nós acreditamos. As empresas não querem lidar com direitos: rescisão, férias, 13º salário... Hoje, os entregadores estão começando a se ver como trabalhadores, e que precisam se manifestar para conseguir seus direitos. (MACHADO, 2020).

Após os vídeos de Lima viralizarem expondo a realidade vivenciada por quem trabalha para os aplicativos, criou-se um fortalecimento do movimento político já existente dentro da categoria, conhecido como Entregadores Antifascistas. No dia 1º de julho deste ano, aconteceu a primeira paralisação nacional da categoria, o chamado "Breque dos Apps" como se popularizou nas redes sociais. A mobilização que teve início de modo virtual em São Paulo, tomou maiores proporções expandindo-se para outros estados, que não só aderiram à paralisação como também fizeram parte da manifestação nacional (GARDEL, 2020). Entre as reivindicações pontuadas estiveram presentes "maior transparência sobre as formas de pagamento adotadas pelas plataformas, aumento dos valores mínimos para cada entrega, mais segurança e fim dos sistemas de pontuação, bloqueios e "exclusões indevidas" (MACHADO, 2020).

Ainda no mês de julho, no dia 25, houve um segundo breque em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre, no geral com menor concentração que o anterior. Como alternativa aos serviços de apps já popularizados, sendo os principais em território nacional o iFood, Rappi e Uber Eats, surgiu entre os entregadores a ideia de fundar uma cooperativa de entregas visando a autogestão, inspirada em modelos já existentes na Europa. Entretanto, os custos para o desenvolvimento e adaptação das plataformas estrangeiras são altos. No aguardo da concretização da cooperativa um grupo de entregadores do Rio de Janeiro, criaram o coletivo de entregas Despatronados, que têm prestado serviço à população carioca através do Whatsapp e que desde sua criação vêm somando entregadores parceiros e clientes em sua base.

4. CONCLUSÕES

Quando analisamos a complexa conjuntura de trabalho deste grupo, notamos o quão desamparados encontram-se no meio social, as margens dos direitos trabalhistas que lhe são diariamente negados e à beira de uma inescrupulosa e

imprevisível exclusão de renda que podem lhes atingir a qualquer momento, sem aviso prévio, sem preparo psicológico ou financeiro deste trabalhador, que não tem meios para recorrer senão sua própria voz e a de seus companheiros, usadas para ecoar injustiças que não mais serão silenciadas pelo poderio capitalista.

5. REFERÊNCIAS

CARVALHO, I. Superexplorados em plena pandemia, entregadores de aplicativos marcam greve nacional. Brasil de Fato, São Paulo, 16, jun. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/16/superexplorados-em-plena-pandemia-entregadores-de-aplicativos-marcam-greve-nacional> Acesso em: 19 ago. 2020

SUDRÉ, L. Jornadas de 12h e zero direitos: por que entregadores de apps fazem greve inédita. Brasil de Fato, São Paulo, 30, jun. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/30/12h-de-trabalho-sem-apoio-e-sem-direitos-o-dia-a-dia-dos-entregadores-de-apps> Acesso em: 19 ago. 2020

SCHREIBER, M. 'Adeus, Ifood': entregadores tentam criar cooperativa para trabalhar sem patrão. BBC News Brasil, Brasília, 27, jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53551592> Acesso em: 15 ago. 2020

MACHADO, L. Greve dos entregadores: o que querem os profissionais que fazem paralização inédita. BBC News Brasil, São Paulo, 1, jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53124543> Acesso em: 15 ago. 2020

GARDEL, S. O breque dos aplicativos de entrega: um olhar sobre 'uberização' e organização política. NUDEB, Rio de Janeiro, 29, jul. 2020. Disponível em: <https://nudebufri.com/2020/07/29/o-breque-dos-aplicativos-de-entrega-um-olhar-sobre-uberizacao-e-organizacao-politica/> Acesso em: 19 ago. 2020

CAVAIGNAC, M. D., SILVA, K. C. O. Desemprego, informalidade e precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. In: VI SEMINÁRIO CETROS, CRISE E MUNDO DO TRABALHO NO BRASIL, 6., 2018, Ceará. Anais eletrônicos... Ceará: UECE, 2018. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51347-14072018-185256.pdf Acesso em: 15 ago. 2020.

MONTENEGRO, D. M. (2008, maio). Desemprego, informalidade e precarização do trabalho no Brasil contemporâneo: ensaio sobre uma tragédia anunciada. **Anais do Seminário do Trabalho**, São Paulo, SP, Brasil, 6.